

Corpo e Corporeidade: uma leitura fenomenológica

Ari Rehfeld

Publicado na Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo, nr 1 – 2004",
apresentado na IV Jornada Paulista de Gestalt

É muita pretensão citar uma dúzia, ou mesmo, meia dúzia de filósofos fenomenológico-existenciais e suas respectivas reflexões a respeito do corpo em meia hora. Não o farei.

Teria que situá-los na história das idéias, para fazer justiça a seu empenho e, também, algum sentido. Além do mais, seria muito chato e, provavelmente, simplista demais.

Ao invés disso, apresentarei algumas idéias comuns a eles que, embora neles tenham se originado, foram sendo apropriadas por fenomenólogos clínicos que nelas viram, a oportunidade de fundamentar sua prática.

Explico melhor: Jaspers, Binswanger, Boss, Straus, Van Den Berg, Kuhn, Minkowski, Gebattel, Ellenberger e Rollo May vão pensar concepção de homem, método e prática, tomando como referência Kierkegaard, Dilthey, Nietzsche, Husserl, Heidegger, Buber, Sartre, Merleau-Ponty, entre outros.

O meu empenho aqui será tentar mostrar algumas idéias comuns, ou seja, compartilhadas por vários deles, e reproduzidas através de exemplos construídos no exercício de uma fenomenologia do cotidiano. Os exemplos têm a capacidade de serem muito econômicos, possibilitando que através de uma imagem, compreendamos uma série de idéias que, de outra forma, demandariam uma via mais longa para serem expressas.

De que corpo estamos falando? Embora pareça, à primeira vista, estranha esta pergunta, certamente não abordarei o corpo que aprendemos na escola: cabeça, tronco e membros.

Não, não se trata de uma aula de fisiologia, até porque não é neste corpo que os fenomenólogos irão se deter. Não me refiro à idéia de corpo do termo grego "sarx" (acepção de carne, vide sarcófago), ou do latim, "corpus", ou ainda do alemão "körper", visto de modo material, em sua natureza física, objética e inanimada.

Vamos para um corpo animado, vivo, dotado de sentimentos e emoções, corpo como fenômeno, do grego "soma" ou do alemão, "leib".

Eis então o primeiro exemplo: quando vemos um indivíduo escorregar, e cair, temos um tipo de reação, muitas vezes somos induzidos ao riso. Mas quando presenciamos uma pessoa ser acometida por uma síncope cardíaca, e cair morta, reagimos de um modo completamente diferente.

Não somos induzidos ao riso (Straus) . Ainda ao nível pré-reflexivo, reagimos de modo muito diferente em relação ao corpo com vida e ao corpo sem vida.

Portanto, o corpo aqui tratado não é o da física que, ao estudar o movimento, a resistência ou inércia, não tem a preocupação, nem é de sua especificidade, se o corpo tem vida ou não.

Também não é o corpo do fisiólogo. Se este dissecar a mão da namorada, classificando-a em articulações, carne, vasos e músculos, não será a mão de quem ama. Ao apreciar o toque, a carícia, a maciez, ele somente poderá receber com fluidez o afeto que lhe é dirigido, se puder descartar-se de seu olhar fisiologista.

Este corpo material, físico, que pode ser vivo, porém, inanimado, corpo pensado porém não vivido como se pensa, herdamos por cisões efetuadas desde Platão - que separa corpo de alma, passando por Descartes – que promove a separação objetividade X subjetividade, conduzindo o psicólogo, que passa a acreditar nessa separação, à falsa necessidade de ter que escolher transitar por um ou por outro âmbito.

“... e embora, talvez, (...) eu tenha um corpo ao qual estou muito estritamente ligado, todavia, (...) na medida em que ele é apenas uma coisa extensa, e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta do meu corpo.” (Descartes)²

O fenomenólogo, ao exercitar sua fenomenologia do cotidiano, vai descrever o vivido inclusive antes de ser tematizado, refletido, restaurando o que foi separado pelo pensamento, buscando a qualidade da experiência com o outro, no mundo.

Ao dissecar-se um corpo, jamais foi encontrado algo que tenha sido visto pelo indivíduo, algo sentido; nenhum amor, ódio, ou esperança foram encontrados.

Poder-se-ia contra argumentar que a alma não ocupa espaço e é invisível. Mas, se não ocupa espaço, como podemos dizer que está dentro ou fora de alguma coisa?

Não vou entrar neste redemoinho. Somente afirmar que a separação alma-corpo não é necessária se nos afastarmos deste corpo meramente pensado como material, físico e objético.

Pensar o corpo em si, separado, isolado do mundo, é outra abstração da qual pouco resulta. Toda a nossa apreensão do mundo é dada pelos sentidos do corpo que somos. É justamente porque somos assim que aprendemos de maneira especificamente humana. Boss nos oferece o seguinte exemplo: “suponhamos que um astronauta, em um espaço totalmente vazio, de repente, se depare com um objeto, uns óculos, por exemplo; neste momento, o homem reconhece três informações:

1. há um objeto, óculos, à sua frente.
2. há uma luz que ilumina esse objeto;
3. ele pode ver.

Mas, se no momento seguinte o objeto desaparecer, como o homem vai saber se foi o objeto que sumiu, se foi a luz que se apagou, ou se ele ficou cego? Se não supusermos nenhuma condição complementar, se tivermos apenas esta experiência para consideração, não há como saber.

Sartre,³ mostra como "é impossível realizar um mundo no qual eu não seja e que fosse puro objeto de contemplação que o sobrevoasse. Mas, ao contrário, é preciso que me perca no mundo, para que o mundo exista e eu possa transcendê-lo".

Heidegger apresenta o homem como Dasein, isto é, "**ser aí**", onde o aí é constitutivo, existencial, sem o qual não há homem. Aí significa **no mundo**. Já jogado, lançado no mundo, antes de refletir acerca dele.

Eu mencionei há pouco, o corpo "que somos", e não que temos...e esta é uma distinção fundamental.

Se pensarmos o corpo que temos, imediatamente produzimos uma cisão esquizóide entre dois eus: o eu proprietário do corpo, e o eu corpo. Mas, não vivemos assim.

Quando uma mãe presencia sua filha morrendo de câncer, não reage como alguém que vê apenas a corrosão da capa da filha.

Ou, ao abraçar seu namorado, a moça não acredita estar tocando a prisão que contém sua alma...

ou, mais um exemplo, ao cortarmo-nos com uma lâmina de barbear, dizemos "nós nos cortamos" e não, "cortei meu invólucro ou cobertura"...

Eu tomo banho, não é meu corpo que se lava.

Sonhei que eu estava voando, e não que meu corpo voava...

Eu sou meu corpo e não eu tenho um corpo...

Qual é o limite ou a fronteira do corpo que sou? Com certeza não é a pele, ou epiderme. Exemplo: "quando eu aponto a porta com o dedo, eu não termino na ponta do dedo" (Heidegger)⁴

Imagine se ao indicar a Ponte Del Vecchio, em Florença, a um turista que me pergunta, este ficasse olhando a ponta do meu dedo!

Quando ao dirigir sou abalroado por outro veículo digo: bateram em mim. Neste caso, os limites de meu eu estão na periferia da lataria do meu carro.

Quando me imagino na Dinamarca, estou lá e aqui ao mesmo tempo...

Ao referir-me a um acontecimento passado estou lá e agora, ao mesmo tempo, e em tempos diferentes.

Portanto, o corpo pensado na periferia de sua pele, não é o corpo que sou, que vivo...

"Quando digo: eu sou pequeno, não estou dizendo que meu corpo é pequeno, estou falando de algo que eu sou. O pequeno e o grande são experiências que vivo no meu corpo, mas a pequenez do meu corpo me aponta a condição geral do ser pequeno. O sentir-se pequeno talvez comece na experiência infantil de se sentir pequeno diante das pessoas grandes. Mas o sentimento da pequenez permanece como possibilidade no resto da vida, dependendo das circunstâncias, nas relações do homem consigo mesmo, com os outros, com as coisas, com Deus." (João Augusto Pompéia)⁵

Quero apontar, para finalizar, mais um aspecto fundamental: a presença do outro no modo como sou meu corpo. Cito livremente, alguns exemplos de Van Den Berg⁶:

Uma menina entra – como sempre entrava – rapidamente, sem bater, no quarto de seu irmão, quando se percebe vista pelos amigos dele de um modo diferente do qual estava acostumada. Enrubesce. Eles a olharam com olhos masculinos. Ela se sentiu despida. Torna-se mulher. Em última instância, é o olhar masculino que torna a moça, mulher.

A moça de sardas, que se achava muito feia, muda completamente de idéia quando percebe que seu aparente defeito é muito apreciado pelos outros.

E por último, o exemplo da fechadura, de Sartre, e utilizado também por Van Den Berg, onde, ao ser flagrado vendo através de uma fechadura um casal se amando, o personagem vai reagir de modo completamente distinto dependendo se o outro o recriminar ou tornar-se seu cúmplice. Se o outro o recriminar, verbalmente ou não, ficará “sem jeito”... Se for cúmplice, segundos após o flagrante, seu jeito ficará naturalmente fluido novamente.

Por que o tema deste nosso encontro é **corpo e corporeidade** e não somente corpo? Porque todos nós intuimos a insuficiência de uma visão física, objética, material, orgânica, fisiológica, do corpo. Queremos descrever a **qualidade** de nossa relação com o mundo através do corpo que somos, pois é através dele que se dá todo contato e reconhecimento do mundo.

Também nosso contato com nossos sentimentos traduz-se em sensações corporais. Exemplo: sei que estou com medo a partir de um conjunto de sensações como tremor, sudorese, taquicardia, etc...

Percebemos as mudanças no mundo e no corpo que somos – desejo, envelhecimento – através não somente de nossos olhos, mas também do nosso olhar.

Isto significa que não basta descrever as coisas mesmas, mas é necessário descrevermos este nosso olhar.

Fazer uma fenomenologia da corporeidade não é descrever um corpo, mas sim a qualidade e os significados de uma experiência, que esteja intimamente relacionada com este corpo.

Bibliografia

- Straus, Erwin W. - “Movimento Vivido”, in “Psicologia Fenomenológica”, Paidós, 1966
Descartes, René – “Meditações”, in *Obra Escolhida*– SP – Difusão Européia do Livro, 1973
Sartre, Jean-Paul – “O Ser e o Nada”, Petrópolis, RJ, Vozes, 1997
Heidegger, Martin – “Introdução à Metafísica”, Rio , Tempo Brasileiro, 1978
“Seminários de Zollikon”, SP, Educ & ABD, Petrópolis Vozes, 2001
Pompéia, João Augusto – “Corporeidade”, in *Revista da Associação Brasileira de Daseinálise*, nr 12, SP, 2003
Van Den Berg, J. H. – “O Paciente Psiquiátrico”, SP, Mestre Jou, 1966

Michelazzo, José Carlos – “Corpo e Tempo”, in Revista da Associação Brasileira de Daseinanalyse, nr 12, SP, 2003

May, Rollo & colaboradores – “Existência”, Madrid, Gredos, 1977

Referências

² “Sexta meditação” pág 186-7

³ O Ser e o Nada, pág 402

⁴ in “Zollikon”, pág 113

⁵ Revista Dasein Analise, nr 12, pág 33

⁶ O Paciente Psiquiátrico